O artista Ângelo Gonçalves é um observador atento do mundo à sua volta, um artista da exterioridade, da extrospecção. É dessa análise do ambiente que emergem as questões sociais e políticas que se inscrevem na sua obra, frequentemente acompanhadas de provocação, ironia e humor. Essa inquietação e insubordinação têm raízes nos tempos em que integrou uma banda Punk, onde a palavra era veículo de contestação. Hoje, a palavra cedeu lugar ao objeto, sem que a força crítica se tenha atenuado. Através dele, o artista constrói um corpo de trabalho que, na sua conceptualidade, reflete sobre as formas de existir no nosso tempo.

A sua prática cruza escultura, pintura, desenho e instalação, não como territórios fechados, mas como campos permeáveis, onde a fluidez entre suportes se assume como condição essencial. Apoia-se sobretudo no que já existe — no que foi descartado e tornado inútil pela sociedade —, transformando resíduos em matéria artística. Pela via da apropriação e da ressignificação, reivindica para a colagem o estatuto de pintura, inscrevendo-a no território da chamada pintura expandida. Do mesmo modo, as suas esculturas, erguidas a partir de restos de aço e fragmentos metálicos encontrados, verticalizam-se em construções que evocam a herança formal do construtivismo russo. A rudeza do material é sublimada por uma pintura uniforme que lhes confere vitalidade e intensidade visual. Longe do cânone clássico da estabilidade do pedestal, desloca a escultura para territórios de assimetria e crueza, onde o desvio se torna linguagem. Nesse gesto, ecoa a própria vida — imperfeita, desigual, incerta, raramente equilibrada.

A utilização de materiais comuns, naturais ou industriais, aproxima-o da Arte Povera, não apenas pela escolha da matéria, mas sobretudo pela crítica que lhe está associada. Sessenta anos após o surgimento do movimento, Ângelo Gonçalves devolve-nos uma leitura de um mundo onde a cultura consumista não deixou de se intensificar. Se a simplicidade cromática remete por vezes para o Neoplasticismo, convém sublinhar que o artista recusa o abstracionismo: enraíza sempre o seu trabalho no real.

É esse real, inscrito no território, que constitui o eixo central da sua prática: a vulnerabilidade dos migrantes que chegam em busca de uma vida melhor, a carência de água que resseca a paisagem, a pressão turística que transforma o espaço urbano e a crise habitacional que expulsa os residentes. No entanto, Gonçalves dificilmente aceitaria ver o seu trabalho reduzido a qualquer categorização. Sobre se é um artista político, a resposta provável seria a de que toda a arte é, inevitavelmente, política.

No projeto aqui apresentado, a obra nasce de um objeto não tanto escolhido como encontrado — ou, talvez, de um objeto que encontrou o artista. Gonçalves prefere acreditar no acaso, ignorando que o pensamento prepara sempre a percepção e o encontro. Surge assim a **roleta**, não como jogo, mas como símbolo: imagem do acaso que governa a fronteira entre existir e deixar de existir, como aqueles que arriscam atravessar o trágico Mediterrâneo sabendo que apenas a sorte lhes permitirá sobreviver. O referente pertenceu outrora a um engenho agrícola — a nora —, técnica introduzida e aperfeiçoada na Península Ibérica durante a ocupação islâmica, utilizada desde a Antiguidade para elevar a água da terra. A ironia trágica do destino faz com que aqueles que outrora trouxeram saber e técnica a esta terra sejam, hoje, os mesmos que se lançam ao mar em busca de sobrevivência. Uns alcançam a margem; outros, privados da sorte, deixam o seu corpo às águas, e o mar guarda-lhes o sangue como

memória silenciosa. A nora mergulha no mar: acima, a cor intacta; no fundo, o vermelho oculto.

Não é indiferente, também, o contexto em que a peça foi pensada: o calçadão de Quarteira, testemunho material da transformação do território. A antiga aldeia piscatória, ladeada por pinhal e estendida ao longo de três quilómetros de praia, começou nos anos 1960 a ceder à pressão do turismo, atraído pelo clima ameno e pela vastidão do areal. Com a expansão urbana e a consolidação de Quarteira como destino turístico, foi já no final do século XX e início do XXI que o calçadão — passeio pedonal estruturado e pavimentado junto à praia — se impôs como marca definitiva da frente marítima, símbolo da passagem de um lugar modesto e rural para um espaço moldado pela economia do lazer e pela urbanização costeira.

Ângelo Gonçalves confronta-nos, assim, com a persistência das contradições históricas. Através da matéria simples, do objeto reencontrado e ressignificado, devolve-nos uma reflexão sobre o presente: a mesma nora que outrora sustentava a agricultura e a sobrevivência coletiva transforma-se em metáfora da arbitrariedade da vida e da morte. Mais do que um criador, Ângelo Gonçalves afirma-se como consciência crítica, artista de uma coerência e autenticidade raras, cuja visão humanista, aliada à potência da sua prática, o torna singular. A sua obra recorda-nos que a arte pode ser, simultaneamente, gesto estético e gesto ético, lugar de resistência, de memória e de transformação. É nesse cruzamento entre forma e consciência que reside a grandeza de Ângelo Gonçalves: um artista cuja urgência se mede não apenas pela qualidade do que produz, mas pela força daquilo que nos obriga a pensar e a sentir.

Susana Rodrigues
Curadora e investigadora independente